

# REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM DUZU-QUERENÇA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO<sup>1</sup>

Paula Nathalie Souza Ribeiro dos Santos<sup>2</sup>

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura de autoria feminina. Violência contra a mulher. Conceição Evaristo. Duzu-Querença.

## Palavras iniciais

Falar sobre a violência contra a mulher é dar voz às inúmeras mulheres que sofrem diariamente com o cotidiano de violência. Ao assistirmos os noticiários podemos observar que o assassinato, o espancamento, o estupro, entre outras formas de violência contra a mulher ainda é algo persistente em nossa sociedade. Assim, este estudo surge a partir da necessidade de falarmos sobre a violência contra a mulher e seus tipos, contribuindo assim, para que tais dores não passem despercebidas. É um gesto de luta e resistência.

Escolhemos como foco de análise um dos contos da obra de Conceição Evaristo, *Olhos D'água* (2016), livro vencedor do prêmio Jabuti, na categoria Contos e Crônicas, por se tratar de uma mulher, escritora, negra, que traz em seus escritos o real cotidiano de violência a que as mulheres são submetidas diariamente.

Conforme Constância Lima Duarte em seu artigo *Gênero e violência na literatura afro-brasileira*, a escritora sentia falta da temática da violência nos escritos femininos, quando se deparou com os *Cadernos Negros*. Trata-se de uma publicação coletiva de um grupo de escritores negros, que vem a público anualmente, desde 1978. Segundo Duarte:

o que era exceção tornou-se quase uma temática recorrente. A partir de uma perspectiva étnica, de classe e feminista, algumas escritoras realizam – com

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Firmino Soares e pela Profa. Dra. Valéria Severina Gomes, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado(a) em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob a orientação do Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes. Julho/2021.

<sup>2</sup> Graduando(a) em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. E-mail: paulataly@gmail.com

competência e sensibilidade – agudas releituras da violência, expondo sem melindres personagens-chagas do cotidiano feminino. (DUARTE, 2018, p.2).

Ou seja, o tema violência é algo recorrente nos contos publicados nos *Cadernos Negros*, e que dentre os nomes femininos mais frequentes, Duarte destaca o da escritora Conceição Evaristo:

Não importa se criança, dona-de-casa, empregada doméstica ou mulher de bandido: a angústia e o profundo sentimento de injustiça são os mesmos e se repetem, se repetem, se repetem. A competência de Conceição Evaristo para mergulhar fundo no pensamento e na ação do oprimido, e construir sua ficção-verdade, pode ser verificada não apenas em seus contos, mas também nos poemas e romances que já publicou. (DUARTE, 2018, p. 3).

No conto *Duzu-Querença (1993)*, a personagem título do conto sofre diversos tipos de violência, que de acordo com a Lei Maria da penha, caracteriza-se como violência contra a mulher. Conceição Evaristo descreve a vida e as várias formas de violência sofridas pela personagem Duzu de forma realista, assemelhando-se com a realidade de muitas mulheres de nossa sociedade.

## **1. Literatura de autoria feminina: de mulher para mulher**

O espaço da literatura foi durante muito tempo, ocupado exclusivamente pelos homens. Para que as mulheres conquistassem seu espaço como escritoras, tiveram que enfrentar diversas dificuldades ao longo dessa jornada de preconceito e machismo. Conforme Castanheira em seu artigo *Escritoras Brasileiras: percursos e percalços de uma árdua trajetória*:

foi com grande dificuldade que as mulheres conseguiram vencer a cultura machista da época e começam a publicar seus livros em meados do século XVIII e apenas ao final do século XX, foi possível o contato com obras que ostentavam a intensa participação feminina nas letras nacionais (CASTANHEIRA, 2016, p. 2).

Conforme Castanheira, foi graças ao movimento feminista que aconteceu na segunda metade do século XIX, que contribuiu para propagar a escrita feminina no Brasil: “É nessa época que, influenciadas pelo pensamento cientificista, as mulheres começam a publicar mais intensamente; surge uma imprensa feminina onde circulam jornais e revistas voltados para os seus interesses” (CASTANHEIRA, 2016, p. 2-3).

Segundo Castanheira, a romancista Maria Firmina dos Reis (1825-1917) foi a primeira mulher brasileira a ter um romance publicado, *Úrsula* (1859), que tratava das relações de gênero, raça e classe social.

Para que as mulheres tivessem seu devido reconhecimento como escritoras, além das lutas que tiveram que travar, elas ainda tiveram que escapar dos estereótipos com que eram representadas na ficção, como afirma Castanheira:

Elemento primordial na cristalização da sociedade burguesa ascendente, o romance foi um produto cultural de enorme poder de socialização, contribuindo para estabelecer papéis e regras sociais e condutas morais e éticas, em especial, para as mulheres. Nos romances, as mulheres que se envolviam em lutas políticas, rebeliões, ou quaisquer movimentos que fossem contrárias as prescrições culturais que lhes determinavam o papel social mais adequado para a sociedade, eram devidamente colocadas como exemplos a não serem seguidos. Era comum tais personagens terem o seu fim pela morte, por exemplo, como resolução narrativa para as personagens que infringiam os valores consagrados pelas instituições sociais (CASTANHEIRA, 2016, p. 4).

Só a partir do século XX, que começaram a surgir produções ficcionais de mulheres brasileiras, porém tanto as produções quanto os questionamentos relacionados aos padrões existentes da sociedade eram momentos isolados, segundo Castanheira:

não apresentando lastros para maiores questionamentos da mulher quanto a sua condição, porém essas produções serviram como ponto de partida para as gerações posteriores, no tocante ao processo de emancipação. As escritoras eram tratadas com total descrédito (CASTANHEIRA, 2016, p. 6).

De acordo com Cláudia Castanheira, foi em 1960, após reacendida a chama do movimento feminista, começaram a aparecer os movimentos de liberação feminina, conseguindo assim, um espaço social único, fazendo com que diversas práticas sexistas fossem veementemente combatidas. Com um olhar mais próximo ao nosso tempo, a autora diz que a partir dos anos 90, foi que a literatura de autoria feminina ganhou mais forma:

a literatura de autoria feminina compõe, a partir dos anos 90, um corpo expressivo e multifacetado, que reflete o resultado de décadas de elaborações teóricas e práticas reivindicatórias, no sentido de atualizar a queda de conceitos e valores tradicionais/patriarcais de nossa cultura. Verifica-se, enfim, uma atitude positiva, por parte das mulheres, de exploração de possibilidades literárias mais integradas com as demandas do mundo contemporâneo, em todas as dimensões da existência (CASTANHEIRA, 2016, p. 11).

Portanto, a literatura de autoria feminina nos apresenta escritas femininas que fogem da imagem da mulher submissa e estereotipada, descritas na literatura cânone, fugindo dessa condição de valores patriarcais enraizada em nossa sociedade.

## 1.1 Literatura afrofeminina: a voz da mulher negra

O espaço reservado para a mulher negra na literatura brasileira, sempre foi carregado de estereótipos. A mulher negra tinha sua imagem retratada de forma negativa, subjugada ao poder masculino. O corpo da negra era sensualizado, erotizado, escravizado e castigado.

Desde então a mulher negra luta através de sua escrita, por sua emancipação e ocupar o seu devido espaço. Donas de si mesmas. A literatura afrofeminina traz as mulheres negras a liberdade de serem protagonistas da sua própria história, conquistando, assim, o seu espaço na literatura brasileira, fora das amarras do poder patriarcal.

Em seu livro *Vozes Literárias de Escritoras Negras*, Santiago diz que:

a literatura afrofeminina é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas\feminismos por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. Em um movimento de reversão, elas escrevem para (des)silenciarem as suas vozes autorais e para, através da escrita, inventarem novos perfis de mulheres, sem a prevalência do imaginário e das formações discursivas do poder masculino, mas com o poder de fala e de decisão, logo senhoras de si mesmas. (SANTIAGO E SILVA, 2012, p. 155).

Segundo Santiago e Silva, na produção da literatura afrofeminina, as personagens negras são retratadas como mulheres sedutoras, não pelos seus atributos físicos, “mas pela sua força, coragem e decisão pela conquista da emancipação feminina negra individual e coletiva” (SANTIAGO E SILVA, 2012, p. 163). É importante destacarmos o excerto a seguir, onde as autoras relatam como a figura feminina aparecem nos escritos femininos:

Aparecem, ainda, em seus textos, figuras femininas negras, ávidas pela afirmação de si, ou simplesmente pelo desejo de tornar-se, de estarem cientes de seus dramas, como: o racismo, a solidão e o sexismo, ou tão somente pelo sonho de permanecerem no mundo (e em seus mundos) como senhoras de si e de suas vontades. A literatura afrofeminina, neste sentido, pode ser considerada como um processo contínuo de (re)invenções de memórias, histórias e narrações sobre identidades, femininos e feminismos negros. Há nela um “retorno” dinâmico ao passado, ou seja, há um reconto de memórias ressignificadas, aliado a cenas de histórias, sonhos, vivências e resistências, no passado e no presente, vislumbrando cenas e agendas que gerem sonhos e conquistas no futuro. (SANTIAGO E SILVA, 2012, p. 163).

Sendo assim, entendemos que a literatura afrofeminina se configura como uma escrita feminina negra que traz à tona temas femininos e de feminismo negro, através de memórias ancestrais, tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, como mulheres negras. Essas mulheres escrevem para que suas vozes autorais não sejam mais silenciadas, e que através da escrita, novos perfis de mulheres surjam, sem o predomínio do poder masculino, passando a escrever sua própria história.

## **1.2 Conceição Evaristo – Incursão biográfica pelos becos e memórias**

Maria da Conceição Evaristo de Brito, mais conhecida como Conceição Evaristo, nasceu em 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Mulher negra e de origem humilde, Conceição mudou-se para o Rio de Janeiro em 1970, onde graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1990), foi professora da rede pública de ensino, tornou-se mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC, 1996), e é Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 2011).

A carreira de Conceição como escritora começou em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na coletânea *Cadernos Negros*. Seus escritos vêm ganhando cada vez mais leitores, inclusive com publicações no exterior. Conceição Evaristo publicou em 2003, o romance *Ponciá Vicêncio*; em 2006, o romance *Becos da Memória*; em 2008, *Poemas de recordação e outros movimentos*; em 2011, lançou o volume de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*; em 2014, Evaristo publica *Olhos D'água*, livro finalista do Prêmio Jabuti na categoria contos e crônicas; em 2016, lança mais um volume de ficção, *Histórias de leves enganos e parecenças*.

No ano de 2018, Conceição Evaristo pleiteou uma vaga na Academia Brasileira de Letras, mas infelizmente não conseguiu, alcançando apenas um voto. Confirmamos com isso o quanto há de machismo e preconceito dentro de um espaço em que as vozes femininas são poucas. Mulher negra, que traz à tona tantas dores, violências e preconceitos não conseguiu uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Essa representatividade feminina só reforça o quanto a sociedade ainda precisa visitar e rever os valores de empatia dentro dos pilares da autoria feminina especialmente das mulheres negras. A Academia Brasileira de Letras não merecia

uma mulher como Conceição Evaristo, que traz em sua escrita a luta, a dor e o sentimento de um povo esquecido.

## **2. Duzu-Querença – uma infância perdida**

A narrativa *Duzu-Querença* (1993) narra a história de uma garota chamada Duzu, que foi levada ainda criança pelos pais para a cidade na esperança de trabalhar e estudar. Duzu ficou na casa de Dona Esmeraldina, dona de um prostíbulo. Duzu ajudava nas tarefas de casa, depois, com o convívio com as pessoas do estabelecimento, Duzu começou a receber os homens. Duzu teve sua infância interrompida; a menina que deveria estar brincando de bonecas, estudando, fazendo amigos, aprendia sobre o mundo e sobre a vida da pior forma possível. Duzu foi violentada, silenciada, virou prostituta. Duzu ficou conhecida, teve vários filhos. Acostumou-se com a violência, aos maus-tratos recebidos. Duzu não teve sequer o direito de escolher o que queria para sua vida. Foi emudecida, sofreu diversos tipos de violência, e por fim, acabou abandonada nas ruas à própria sorte. Morreu sozinha na rua, em um estado de delírio que ela utilizava para enganar a dor.

Conceição Evaristo tenta trazer em suas obras, o realismo do cotidiano sofrido pela população negra e pobre de nossa sociedade, especialmente das mulheres. Em sua dissertação de mestrado, Marlei Castro Tondo faz uma descrição acerca da temática violência na obra de Conceição Evaristo:

As produções literárias de Conceição Evaristo se destacam pela forma poética com que a autora representa a crueldade do cotidiano dos excluídos. Para Eduardo de Assis Duarte (2011) a mistura de violência e sentimento, de realismo cru e ternura, mostram o comprometimento e identificação de uma intelectual afrodescendente com os seus semelhantes, que estão sempre postos à margem do desenvolvimento social e humano. Na literatura dessa autora, existem profundas reflexões acerca das questões de identidade, gênero e violência, com o objetivo claro de revelar a desigualdade velada em nossa sociedade, de recuperar uma memória sofrida da população afro-brasileira em toda sua riqueza e sua potencialidade de ação. Em virtude disso, ela tem sido uma importante escritora afro-brasileira que tem lutado para abrir espaços para outras mulheres negras se inserirem no espaço limitado a elas na literatura nacional (TONDO, 2018, p. 21).

Duzu é uma personagem que representa a dura realidade de exploração, exclusão e violência que acometem a população afrodescendente. Duzu é prostituta,

mendiga, louca, adjetivos que a sociedade costuma atribuir aos que não pertencem a tal âmbito, os chamados excluídos da sociedade.

Duzu era explorada pela dona do prostíbulo, conforme excerto as seguir: “Duzu trabalhava muito. Ajudava na lavagem e passagem de roupa. Era ela também que fazia a limpeza dos quartos” (EVARISTO, 2016, p. 21).

Duzu vivia em um ambiente violento, sofrendo diversos tipos de violência. Duzu foi uma menina que não teve escolhas na vida. Acostumou-se a viver assim, não por que queria e sim por necessidade. A vida obrigou Duzu a viver em um ambiente violento e acostumar-se a ele:

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida (EVARISTO, 2016, p. 22).

Uma forma que Duzu encontrou para esquecer todo o sofrimento que a rodeava desde a infância até a vida adulta, ela começou a imaginar que vivia em um mundo de fantasia, levando-a ao delírio:

Era preciso descobrir uma forma de ludibriar a dor. Pensando nisto, resolveu voltar ao morro. Lá onde durante anos e anos, depois que ela havia deixado a zona, fora morar com os filhos. Foi retornando ali que Duzu deu de brincar de faz de conta. E foi aprofundando nas raias do delírio que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias. Duzu voava no alto do morro. Voava quando perambulava pela cidade. Voava quando estava ali sentada à porta da igreja. Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando às roupas do varal que ela ganhara asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real (EVARISTO, 2016, p. 22).

Em Duzu- Querença encontramos a própria vida representada na indiferença e nas agruras de um ser que se constrói a partir de realidades diversas que jogam os sujeitos para as encruzilhadas do destino: “Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas” (EVARISTO, 2016, p. 31).

Analisando a representação da violência contra a mulher, tema da nossa pesquisa, tendo como base a Lei Maria da Penha, podemos confirmar que a personagem Duzu-Querença sofre diversos tipos de violência que configuram violência contra a mulher. De acordo com o artigo 7 da lei Maria da Penha, são formas de violência doméstica e familiar contra a mulher: a violência física, a violência psicológica, a violência sexual, a violência patrimonial e a violência moral.

Conceituando cada uma delas:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (Art. 7º da Lei nº 11.340, 2006 – Lei Maria da Penha, p. 2).

Sendo assim, Duzu sofreu todas as formas de violência descritas na lei. Duzu-Querença sofreu violência física, violência psicológica, violência patrimonial, violência sexual e violência moral, conforme o trecho apresentado a seguir, que engloba todas as formas de violências contra a mulher:

Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar. Ganhava mais e mais dinheiro. Voltava e a moça do quarto nunca estava. Teve um momento em que o homem chamou por ela. Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. Ganhou muito dinheiro depois. Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida (EVARISTO, 2016, p. 21-22).

De acordo com a percepção de Lêdo de Oliveira Paes (2018, p.271) sobre a tessitura evaristiana sobre a morte, a violência e a dor é possível observar que:

A fluidez da existência, tão enfática nos textos evaristianos, muitas vezes é traçada e confundida com seivas de mistérios, de morte e de dor. Regalias recorrentes no tecido literário cheio de surpresas em cada esquina poético-narrativa. Conceição Evaristo potencializa a Morte e as Águas em suas tessituras. Para Manfred Lurker, “a morte é vista na teologia cristã em contextos cósmicos. Miséria, sofrimento e morte são castigos pelo desvio do homem de sua verdadeira vocação para o bem, portanto castigo pelo afastamento da bondade de Deus” (p. 456).

É nessa fluidez cotidiana que encontramos tantas “Duzus” que se enunciam num tablado chamado vida. Que se entrecruzam nas atrocidades e destinos muitas vezes inusitados. Cada vez mais a representatividade da obra evaristiana dialoga com o ser humano que habita becos, vielas e submundos inimagináveis. Quando Conceição Evaristo nos coloca diante dessas situações, mostra-nos o quanto há de sofrimento, violência e dor presentes numa sociedade ainda omissa para várias questões que precisam encontrar pauta na sociedade.

### **Considerações finais**

Concluimos com esse estudo que a violência se faz presente no corpus analisado. A personagem Duzu é acometida por diversos tipos de violência. Os vários tipos de violência a que Duzu foi submetida, configuram, de acordo com a Lei Maria da Penha, violência contra a mulher: violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, comprovando que a literatura de autoria feminina representa com maestria e realismo o cotidiano de violência a que as mulheres são submetidas todos os dias em nossa sociedade. Não apenas o cotidiano das mulheres, mas também dos pobres e afrodescendentes do Brasil. Através da literatura de autoria feminina podemos realizar uma reflexão acerca da realidade de inúmeras mulheres, negros e pobres do Brasil.

E não apenas isso, mas constatamos com esse estudo o quão é importante conhecer a literatura afrofeminina e divulgá-la, pois pela literatura negra podemos constatar que o preconceito racial e de gênero sempre existiu, provando que as mulheres negras são importantíssimas na formação cultural do Brasil. E é pelas mãos da escritora Conceição Evaristo e de diversas outras mulheres escritoras que a voz feminina e feminina negra se faz presente.

### **Referências**

CASTANHEIRA, Cláudia. **Escritoras brasileiras: percursos e percalços de uma árdua trajetória**. NIELM (Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura). Disponível em <

<https://mail.google.com/mail/u/0?ui=2&ik=86a4b886d1&attid=0.2&permmsgid=msgf:1699767756085826876&th=1796c9c4b628953c&view=att&disp=inline>> Acesso em: 22 de mai. 2021.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e violência na literatura afro-brasileira**. Belo Horizonte, 2018. Disponível em <  
<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricosconceituais/ArtigoConstancia1generoeviolencia.pdf>> Acesso em: 24 de jun. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. In: COLÓQUIO DE ESCRITORAS MINEIRAS, 1, Belo Horizonte, 2009. Disponível em <  
<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>> Acesso em: 24 de jun. 2021.

LEI MARIA DA PENHA. Presidência da República, 2006. Disponível em: <  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)> Acesso em: 26 mai. 2021.

PAES, Iêdo de Oliveira. Por entre *Olhos D'água* de dor, indiferença e ... amor: o imaginário em Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A.(org.). **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. 2. ed. Belo Horizonte: Idea, 2018.

PENHA, Juliana. **Afrofeminina: literatura da mulher negra no Brasil**. Disponível em<  
<https://www.geledes.org.br/afrofeminina-literatura-da-mulher-negra-no-brasil-por-juliana-penha/>> Acesso em: 07 jul. 2021.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Salvador, BA. Editora UFRB, 2012.

SILVA, A. R. S. da. **Da literatura negra à literatura afro-feminina**. Via Atlântica, [S. l.], n. 18, p. 91-102, 2010. DOI: 10.11606/va.v0i18.50743. Disponível em<  
<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50743>> Acesso em: 28 jun. 2021.

TONDO, Marlei Castro. **A violência contra as personagens femininas nos contos de Olhos d'água, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo**. 2018. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.